



**Universidade Federal De Ouro Preto - UFOP**  
**Escola de Educação Física– EEFUFOP**  
**Bacharelado em Educação Física**



**Monografia**

**Educação Física, gênero e mercado de trabalho:  
percepções de estudantes quanto a futura área de atuação**

**Luísa Carvalho Pacheco**

**Ouro Preto – MG**

**2021**

**Luísa Carvalho Pacheco**

**Educação Física, gênero e mercado de trabalho:  
percepções de estudantes quanto a futura área de atuação**

Trabalho de conclusão apresentado a disciplina de Seminário de TCC (EFD-381) do curso de Educação Física - Bacharelado da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para avaliação da mesma.

Orientador: Dr. Bruno Ocelli Ungheri

**Ouro Preto – MG**

**2021**

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

P116e Pacheco, Luisa Carvalho .  
Educação Física, gênero e mercado de trabalho [manuscrito]:  
Percepções de estudantes quanto a futura área de atuação. / Luisa  
Carvalho Pacheco. - 2021.  
48 f.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Ocelli Ungheri.  
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Escola  
de Educação Física. Graduação em Educação Física .  
Área de Concentração: Educação Física.

1. Educação Física. 2. Mercado de trabalho. 3. Mulher. 4. Gênero. I.  
Ungheri, Bruno Ocelli. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 796-055.2

Bibliotecário(a) Responsável: Angela Maria Raimundo - SIAPE: 1.644.803



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Luísa Carvalho Pacheco**

Educação Física, gênero e mercado de trabalho: percepções de estudantes quanto a futura área de atuação

Monografia apresentada ao Curso de Educação Física da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel

Aprovada em 10 de agosto de 2021

### Membros da banca

Prof. Dr. Bruno Ocelli Ungheri - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Profa. Dra. Denise Falcão - (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Profa. Ms. Maria Teresa Sudário Rocha (Universidade Federal de Ouro Preto)

Bruno Ocelli Ungheri, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 13/08/2021



Documento assinado eletronicamente por **Bruno Ocelli Ungheri**, CHEFE DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, em 13/08/2021, às 19:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0206810** e o código CRC **AEF195A9**.

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho a meus pais, Adriano e Fátima, meus irmãos, Barbara e Matheus e ao meu namorado, Gabriel. Esse trabalho é fruto de todo apoio que vocês me presentaram.

Agradeço ao meu orientador Bruno Ocelli, que me acolheu com muito carinho e me trouxe calma e segurança quando tudo estava incerto.

Agradeço também ao LAGEP, por se tornar uma família, um lugar para descontrair e extravasar. Orgulho de fazer parte desse grupo!

Agradeço a todos os meus amigos que me apoiaram, em especial a Sarah, que foi um ombro amigo para todos os momentos e esteve ao meu lado nas horas mais aflitas.

Agradeço às mulheres que participaram desse estudo e tornaram possível a realização desse trabalho.

“Se as coisas são inatingíveis... ora!  
Não é motivo para não querê-las...  
Que tristes os caminhos, se não fora  
A presença distante das estrelas!”

(Mario Quintana)

## RESUMO

Esse estudo teve como propósito analisar a perspectiva das mulheres, estudantes do curso de Educação Física da Universidade Federal de Ouro Preto, quanto ao exercício de sua futura profissão, além de investigar a compreensão das próprias discentes quanto às possíveis dificuldades que serão encontradas a respeito das relações de gênero na área. Para tanto, optamos pela técnica de Grupos Focais aplicados a quatro grupos: A, B, C e D, constituído por discentes já em sua formação final, ou seja, cursando os dois últimos anos da sua graduação. Cada encontro foi gravado em áudio e vídeo que posteriormente foram transcritos e analisados de forma a identificar as temáticas associadas ao objetivo do estudo. Dessa maneira, o campo de estudos permitiu o delineamento *à posteriori* de quatro categorias de análise: (i) Condição da mulher, (ii) Enfrentamento dos estereótipos, (iii) Percepções sobre a Educação Física e (iv) O mercado da Educação Física para elas. Tais categorias permitiram reconhecer a compreensão das estudantes de Educação Física em relação a realidade futura da atuação profissional qual seja, a de um mercado de trabalho desvalorizado e com oportunidades desiguais para homens e mulheres.

Palavras Chaves: Mulher, Educação Física, Mercado de trabalho, Gênero.

## **ABSTRACT**

This study aimed to analyze the perspective of women, students of the Physical Education course at the Federal University of Ouro Preto, about the exercise of their future profession, in addition to investigating the understanding of the students themselves regarding the possible difficulties they encountered concerning the gender relations in the area. Therefore, we chose the technique of Focus Groups competent to four groups: A, B, C and D, consisting of students already in their final part of their graduation, that is, attending the last two years. Each meeting was recorded in audio and video, which were later transcribed and promoted in order to identify themes associated with the objective of the study. In this way, the field of studies complements four categories of analysis: (i) Condition of women, (ii) Confronting stereotypes, (iii) Perceptions about Physical Education and (iv) The Physical Education market for them. These categories allowed us to recognize the understanding of Physical Education students in relation to the future reality of professional practice, that is, a devalued job market with unequal opportunities for men and women.

**Keywords:** Woman, Physical Education, Labor Market, Gender.

## SUMÁRIO

1.0	INTRODUÇÃO.....	8
1.1	Objetivo .....	12
1.2	Justificativa.....	12
2.0	METODOLOGIA.....	13
2.1	Amostra .....	13
2.2	Desenho do Estudo .....	14
2.2.1	Instrumentos .....	15
2.3	Cuidados Éticos .....	15
3.0	RESULTADOS .....	17
4.0	DISCUSSÃO.....	19
4.1	Condição da mulher.....	19
4.2	Enfrentamento de estereótipos: .....	23
4.3	Percepções sobre a Educação Física.....	27
4.4	O mercado da Educação Física para elas.....	31
5.0	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	37
	REFERÊNCIAS .....	38
	ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	44
	ANEXO B - ROTEIRO PARA GRUPO FOCAL .....	46

## 1.0 INTRODUÇÃO

As sociedades contemporâneas se alicerçam em uma estrutura patriarcal, caracterizada pelo autoritarismo do homem, ou seja, uma supremacia masculina que acarretou a desvalorização da identidade feminina, fato este que, historicamente, reduziu-a à maternidade. Vale ressaltar que o enraizamento do patriarcalismo na organização familiar deve-se à fatores históricos e culturais, que são propagados desde o colonialismo. Essa divisão entre os sexos está enraizada em nossa sociedade como algo natural a ponto de ser inevitável; se faz presente em todas as coisas e alicerça essa ordem social que reafirma a dominação masculina (BOURDIEU, 2014) A partir dos movimentos feministas originados nos anos 1960, as mulheres obtiveram conquistas sociais, o que modificou a dinâmica familiar e ampliou o conceito da "condição feminina". Com a incorporação maciça da mulher na força de trabalho remunerada, cresceu a luta por direitos iguais entre os sexos e a divisão de papéis, abalando a legitimidade da dominação do homem em sua condição de provedor da família.

Para melhor compreensão do tema, a socióloga e pesquisadora do campo dos estudos feministas, Christine Delphy, descreve o sexo como aquilo que difere o homem da mulher biologicamente, através de seus órgãos genitais e funções procriativas, tal qual refere-se ao gênero como uma ideologia que gera hierarquia e desigualdade na relação dos sexos, provocando soberania dos homens e exploração das mulheres. Nesse sentido, o termo “gênero” pode ser compreendido como uma convenção social, histórica e cultural, respaldada nas diferenças sexuais, que retratam uma construção social que determina os papéis interpretados por cada um dos sexos na sociedade (FOLLADOR, 1967).

Ainda assim, persiste a ideia de separação das atividades de acordo com o sexo, que se perpetua como a forma mais comum da divisão do trabalho, tratando de uma segregação sexual que afeta, principalmente, as relações de gênero. Muraro (2001) afirma que foi a partir dos anos 80 que a categoria “gênero” passou a ser usada como categoria sociocultural, já que anteriormente ainda não havia instrumento metodológico que conseguisse explicar o crescimento das mulheres enquanto sujeitos sociais, históricos e econômicos. Nessa perspectiva, as relações de gênero representam um processo contínuo da produção de poder entre homens e mulheres, oscilando através das sociedades. No livro “O segundo sexo”

(1980), Simone de Beauvoir sugere que a mulher como o não sujeito, “O outro”, uma condição que advém da cultura da sociedade que oprime a mulher e exalta o homem.

Logo, compreende-se que as diferenças entre os sexos podem influenciar diretamente nas relações de trabalho, sendo as “atividades femininas” àquelas associadas a função de reprodução ou tarefas domésticas, ou seja, atividades exclusivamente alusivas ao espaço familiar ou ao cuidado. Essa divisão irá influenciar nas formas de produção capitalista, fazendo com que as mulheres ocupem posições inferiores aos homens na divisão do trabalho. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) analisou, em países latino americanos, os setores, ramos e empregos ocupados por mulheres e concluiu que existe uma tendência destas a desempenharem atividades nas áreas de comércio e serviços comunitários, sociais e pessoais (OIT, 2007), que possuem predomínio nas ocupações como a docência, enfermagem e trabalho doméstico.

Ademais, a OIT indicou que, nos locais de trabalho, existe uma progressiva diminuição da presença de mulheres à medida que os cargos adquirem maior hierarquia, proporção esta que não supera 20% de mulheres em postos de direção. Dessa forma, conforme já preceituava a filósofa contemporânea Luce Irigaray “a organização social, a gestão do político, do religioso, das trocas simbólicas, em resumo, as coisas espirituais sérias permanecem nas mãos dos homens” (IRIGARAY, 1990, p.146). Nota-se que, apesar dos trinta anos passados da publicação desta afirmação, ela ainda se faz pertinente ao cotidiano social do século XXI.

Oliveira (1999) aponta que, nas primeiras fases do desenvolvimento social, a mulher era vista como um sujeito menos útil na força de trabalho, pois a força física do homem proporcionou a sua conquista no espaço público da sociedade. No século XVIII, as mulheres eram rejeitadas pelos homens a trabalhar nas fábricas, e, portanto, o trabalho feminino se limitava ao trabalho doméstico (OLIVEIRA, 1999).

Ainda, o mesmo autor destaca que a partir da industrialização e automação no século XIX, a diferença física entre homens e mulheres começou a desaparecer e, com isso, percebeu-se que o proletariado feminino criou forças no ambiente fabril. Juntamente com esta mudança, deu-se início as relações de desigualdade sobre as mulheres, pois aos olhos dos homens, ser operária implicava em ser o oposto de feminina, ou seja, elas perdiam sua “feminilidade”; a inserção da mulher no trabalho assalariado colocaria em xeque a imagem da mulher mãe e esposa, dependente, submissa, frágil, passiva.

Esses preconceitos reproduziram a ideia de desigualdade de gênero, projetando a imagem de uma mulher fundamentalmente ligada à família e à vida doméstica, dificultando a

sua inserção e o desempenho profissional. Independentemente disso, a mulher continuou a lutar pelo seu espaço na sociedade, mas apesar do crescente número de mulheres presentes no mercado de trabalho, seus empregos raras vezes eram promissores ou representavam “carreiras”. Quando não estavam nas mais baixas posições do terreno fabril, ocupavam cargos burocráticos como auxiliares, complementares às funções masculinas (MITCHELL, 1967).

Atualmente, percebe-se que as relações de gênero passaram por algumas renovações. Antes a mulher se fazia presente, basicamente, no âmbito privado já que os espaços públicos eram ocupados quase que exclusivamente por homens, mas hoje já é possível perceber mudanças nessas separações. Se analisarmos a trajetória feminista no Brasil na luta pela garantia dos direitos das mulheres, temos alguns marcos históricos que valem ser destacados como: em 1879 foi dado o direito às mulheres frequentarem faculdades, o direito ao voto em 1932, o direito à prática de futebol (1979), o reconhecimento das mulheres como iguais aos homens na Constituição de 1988 e em 2002 a falta de virgindade deixa de ser considerada crime. Ao analisar o processo de transformação dos papéis femininos e masculinos na sociedade e as suas respectivas participações no mercado de trabalho, conseguimos visualizar que as representações femininas têm ganhado maior independência e autonomia. Os resultados dessas mudanças são as variações no modo de agir e pensar da sociedade, em relação à imagem da mulher.

Nesse sentido, criaram-se novas concepções de sexualidade, trabalho e família, que enaltecem a posição da mulher nas competências profissionais e posições hierárquicas organizacionais. Além disso, a participação feminina no mercado de trabalho deixa de ser vista apenas de maneira secundária com finalidade única de complementar a renda econômica familiar e a mulher passa a exercer o papel de provedora do lar. Em 1995, somente 22,9% das famílias brasileiras eram chefiadas por mulheres, porém, em 2015 esse número cresceu para 40,5% (IBGE / PNAD), mostrando que a luta e o esforço feminino por igualdade salarial e nas oportunidades de trabalho têm ganhado força.

No entanto, as tarefas domésticas ainda são um empecilho para consolidar a posição da mulher no mercado de trabalho. Em outras palavras, existe um problema cultural e estrutural, qual seja, a resistência dos homens em assumir a sua parcela de responsabilidade na realização das tarefas domésticas. Soma-se isso ao fato de a sociedade ainda basear seu funcionamento partindo do pressuposto de que existe uma pessoa dedicada exclusivamente às tarefas familiares.

As mulheres veem suas alternativas de trabalho limitadas, já que muitas das vezes, sua inserção nas atividades remuneradas está vinculada à presença de crianças e/ou idosos em

suas casas, ou seja, as responsabilidades familiares atuam como barreiras ou desincentivos à inserção profissional. O Conselho Nacional das Mulheres (CONAMU, 2006) juntamente com Uribe-Echeverría (2008) corroboram com essa afirmação com estudos que demonstraram que, enquanto para os homens estabelecer uma família e possuir relação conjugal aumentam a sua participação no mercado profissional, para as mulheres, diminui.

Como não poderia deixar de ser, na área da Educação Física essas diferenças entre os sexos também são recorrentes, onde a mulher é percebida como minoria e recebe tratamentos estereotipados. O mercado de trabalho da Educação Física é relativamente novo, quando comparado com outras áreas da saúde. Existe, cada vez mais, uma preocupação da população em manter a sua imagem e estética corporal e isso acaba criando uma sociedade que cultua o corpo magro e de dimensões padronizadas.

Essa ideologia proporcionou um aumento da venda de serviços relacionados com a “boa forma”, ampliando alguns campos de atuação profissional. O Ministério da Economia publicou em 2018 o ranking das 20 profissões que mais avançaram entre 2007 e 2017, sendo que os preparadores físicos ocuparam a terceira posição, com um crescimento de 327%<sup>1</sup>. As áreas de atuação são divididas, basicamente, (i) no sistema de ensino (público ou privado), que engloba o meio escolar, oferecendo empregos na educação infantil, ensino fundamental, médio e superior, (ii) em ocupações na área da saúde propondo trabalhos em equipes multiprofissionais em hospitais, clínicas e centros de tratamento, (iii) no lazer, com atividades em hotéis, prefeituras e clubes, (iv) em empresas como academias e escolas de iniciação esportiva, e (v) no esporte, onde as atuações podem variar entre o contexto profissional, amador ou de iniciação (ANTUNES, 2007).

Apesar do aumento da participação feminina nessa área, a sua ocupação é majoritariamente masculina, na faixa etária de 25 a 39 anos (Ministério da Economia, 2018). Essa falta de equiparidade entre os gêneros fez com que as mulheres precisassem criar alternativas e métodos para superar essa diferença.

Por mais que sejam evidentes os avanços com relação ao preconceito de gênero na sociedade, ainda existem desafios a serem superados. Na Educação Física a mulher enfrenta dificuldade para empreender, se inserir profissionalmente, se consolidar no meio esportivo, desmistificar as normas de seu corpo, quebrar estereótipos, ser valorizada como profissional, dentre várias outras. Esses obstáculos existem devido ao inconveniente fato de que os homens

---

<sup>1</sup> Dados do Ministério do Trabalho obtidos através da matéria “Conheça as profissões que mais avançaram no Brasil, de 2018, disponível no *site* eletrônico: <https://www.mundorh.com.br/conheca-as-profissoes-que-mais-avancaram-no-brasil/>

duvidam da capacitação das mulheres que, por sua vez, precisam lidar com a desconfiança de sua competência e reafirmar, constantemente, que são merecedoras de sua ocupação ou posição (SOUZA DE OLIVEIRA, 2004).

Como exemplo disto, um estudo realizado nos Estados Unidos apontou que as mulheres treinadoras de esportes de alto rendimento não são levadas a sério pelos demais técnicos, sendo consideradas como fracas e/ou com nível de conhecimento inferior (NORMAN, 2010). Nas olimpíadas de verão de 2020, realizada em Tóquio em 2021, uma pesquisa que analisou nove modalidades esportivas masculinas e femininas (vôlei de quadra, polo aquático nado sincronizado, *baseball/softball*, basquete, futebol, hóquei sobre a grama, handebol e rugby de sete) apontou que dos 402 treinadores, apenas 26,8% são mulheres<sup>2</sup>. Para Goellner (2006) quando comparadas aos homens, as condições para acesso e participação das mulheres no esporte, tanto como atletas quanto como treinadoras, não são iguais, sejam elas no esporte de rendimento, no lazer, na educação física escolar, nos valores de alguns prêmios atribuídos, entre outras.

## **1.1 Objetivo**

Diante do exposto, o presente trabalho tem como objetivo analisar a perspectiva das mulheres, estudantes do curso de Educação Física, quanto ao exercício de sua futura área profissional, além de investigar a compreensão das próprias discentes quanto às possíveis dificuldades que serão encontradas a respeito das relações de gênero na área.

## **1.2 Justificativa**

---

<sup>2</sup> Dados encontrados na pesquisa “Number of Female Coaches in Each Team Sport at the Tokyo 2020 Olympic Games”, disponível em <https://femalecoachingnetwork.com/2021/07/23/number-of-female-coaches-in-each-team-sport-at-the-tokyo-2020-olympic-games/>”

Há necessidade de pesquisar sobre a interpretação das estudantes do curso de Educação Física quanto à sua futura atuação no mercado de trabalho, além de evidenciar faticamente as questões gênero na área. Ainda, acredita-se que o estudo poderá conscientizar os futuros e atuais profissionais a respeito da realidade da desigualdade social de gênero.

## **2.0 METODOLOGIA**

### **2.1 Amostra**

A amostra foi constituída por mulheres estudantes do curso de Educação Física da Universidade Federal de Ouro Preto, tendo como recorte temporal aquelas que se encontram na fase final da formação, ou seja, nos quatro últimos semestres, buscando-se a representatividade mínima de duas discentes por turma, incluindo as habilitações em bacharelado e licenciatura. Também foram convidadas mulheres cuja formação encontra-se irregular, ou seja, que suas respectivas turmas regulares já tenham se formado. Desse modo, foi levada em consideração a diversidade das áreas de intervenção profissional no campo, totalizando 20 participantes.

A caracterização da amostra foi feita de forma intencional. Assim, como aponta Borges e Santos (2005), o recrutamento foi feito de maneira a abranger a variabilidade do

grupo, ou seja, com intenção de ampliar a representatividade social da mulher. Logo, para a seleção das participantes consideramos elementos como (i) a forma de ingresso na universidade, (ii) moradia, (iii) orientação sexual, (iv) idade, (v) raça/cor, (vi) estado civil e (vii) classe social. Esclarece-se que a participação se deu de forma voluntária, mediante a assinatura (virtual através do *google forms*) do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

## 2.2 Desenho do Estudo

As reuniões aconteceram virtualmente através da plataforma online *Google Meet* e foram divididas em um encontro por grupo. Como dito, a amostra totalizou vinte mulheres estudantes do curso de Educação Física da UFOP (identificadas com números de um a vinte), que pertenceram a quatro grupos (A – B – C - D) compostos por quatro, seis, cinco e cinco participantes, respectivamente. Ocorreram sete momentos virtuais, nos termos da seguinte lógica:

- (i) primeiro contato com a voluntária para esclarecimento dos procedimentos da pesquisa em agosto de 2020;
- (ii) verificação da disponibilidade da voluntária para montagem dos grupos;
- (iii) confirmação da participação da voluntária e assinatura do TCLE;
- (iv) Encontro de Grupo Focal com o Grupo A em setembro de 2020;
- (v) Encontro de Grupo Focal com o Grupo B em setembro de 2020;
- (vi) Encontro de Grupo Focal com o Grupo C em setembro de 2020;
- (vii) Encontro de Grupo Focal com o Grupo D em setembro de 2020;

Sobre os referidos encontros, ressalva-se que o tempo de duração média dos grupos focais foi de uma hora, como sugere Debus (1997). Importante frisar que as discussões do grupo focal foram orientadas pela pesquisadora que teve função de facilitar a interação grupal, e captar as informações.

Todos os encontros foram registrados por vídeo e áudio, tidos como recursos para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais das

voluntárias. Posteriormente os registros foram transcritos e analisados através da técnica de análise de conteúdo que, como foi proposta por Bardin (1977), é caracterizada por um conjunto de técnicas de análises da comunicação.

### 2.2.1 Instrumentos

Para que fosse possível captar com propriedade o ponto de vista das estudantes, optou-se por utilizar o método de pesquisa qualitativa (PATTON, 1980; GLAZIER, 1992) de natureza exploratória interpretativa, por intermédio da combinação entre pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo.

No que diz respeito ao trabalho de campo, propôs-se a mobilização do grupo focal como ferramenta para coleta de dados, uma vez que o referido método promove a criação de interações grupais, que possibilitarão uma ampla problematização sobre o tema ou foco específico (BACKES *et al.*, 2011). Além disso, o alargamento do debate no formato de grupo pode estimular discussões abrangentes e diversificadas sobre os objetos postos em tela, inclusive com o estabelecimento de diferentes pontos de vista. Ademais, por se tratar de uma amostra exclusivamente composta por mulheres, os encontros em grupo são encorajados, pois estimulam o sentido empático das informações, podendo reduzir os constrangimentos sobre as participantes, legitimando os relatos e experiências que emergem (MADRIZ, 2000).

Nesse sentido, Trad (2009) aponta que as participantes são capazes de ouvir as demais e na sequência desenvolver as suas próprias opiniões, fundamentando-as com maior profundidade. Dessa forma, entende-se que a técnica de grupos focais viabilizou o alcance de maiores níveis de reflexão sobre o tema pelas participantes, transparecendo dimensões de concepções e entendimentos que normalmente não são exploradas pelas demais técnicas de coleta de dados (KITZINGER, 1994).

## 2.3 Cuidados Éticos

Este estudo foi aprovado pelo comitê de Ética em Pesquisa da UFOP CAAE  
32525020.0.0000.5150

### 3.0 RESULTADOS

Uma vez coletados e transcritos, os dados provenientes da pesquisa foram analisados e submetidos ao diálogo junto à literatura pertinente ao objeto de estudo. Vale ressaltar que as informações emergentes dos grupos focais foram apreciadas de forma global, ou seja, os debates estabelecidos nos encontros dos Grupos A, B, C e D não foram comparados, mas agregados e tratados descritivamente. Dessa maneira, o campo de estudos permitiu o delineamento *à posteriori* de quatro categorias de análise: (i) Condição da mulher, (ii) Enfrentamento dos estereótipos, (iii) Percepções sobre a Educação Física e (iv) O mercado da Educação Física para elas.

Na primeira categoria estão agrupadas as questões a respeito da condição feminina e o “*status* biológico” que faz sustentar a visão da mulher como um indivíduo simples de subordinação. Foram investigados os conteúdos abordados pelas estudantes, que levantaram reflexões a respeito da herança patriarcal e a forma com que essa estrutura social institui a posição que a mulher ocupa na nossa sociedade. Sendo assim, a primeira categoria engloba as temáticas correlatas ao machismo estrutural, à hiper sexualização e objetificação do corpo feminino e à maternidade. A segunda categoria se caracteriza por discussões a respeito de estereótipos e estigmas sobre as mulheres que, enraizados socialmente, demarcam desigualdades de gênero inevitavelmente experimentadas no contexto da atuação profissional. Dessa forma, as mulheres são constantemente vítimas da fabricação de preconceitos e caracterizações da cultura patriarcal, que refletem diretamente na falta de equidade entre os gêneros. Investigou-se, portanto, aspectos relacionados aos estereótipos do corpo, ao determinismo comportamental e funcional, as reproduções históricas e as idealizações a respeito da carreira das mulheres.

Em sequência, a terceira categoria trata especificamente da percepção que as futuras profissionais têm sobre o campo da Educação Física. Nesse interim, apresentam-se alguns aspectos específicos da atuação profissional na Região dos Inconfidentes, além de questões associadas às possíveis influências que a profissão pode provocar na vida pessoal dos profissionais do ramo. A última categoria investigada se dedica às reflexões sobre o mercado de trabalho a ser encontrado pelas futuras profissionais de Educação Física. Para tal, abordaram-se apontamentos sobre as oportunidades de trabalho, os desafios para construção da carreira profissional e as barreiras sociais enfrentadas para se obter reconhecimento e

valorização

profissional.

## 4.0 DISCUSSÃO

### 4.1 Condição da mulher:

Conforme visto anteriormente, a construção sócio cultural que nos é imposta a respeito do conceito de gênero decreta que a mulher e o feminino são inferiores quando comparados aos significados concedidos aos homens e ao masculino. Por conseguinte, as relações de gênero são baseadas em diferenças hierárquicas e, sendo assim, são uma forma substancial de estabelecer relações de poder que estariam divididas em três eixos: classe, raça e gênero (SCOTT, 1990). Ainda, na sociedade de classes em que vivemos, tudo que é diferente daquilo que está no topo das relações que compõem a “pirâmide social” é visto como desigual e é tratado com opressão. Nesse sentido, nega-se à mulher a condição de igualdade, atribuindo-lhe uma categoria de inferioridade nas relações sociais.

Com a análise dos materiais obtidos, observamos que as questões a respeito da iniquidade de gênero foram retratadas de maneira abundante, sendo um assunto de destaque. Este tópico pode ser observado na fala da participante 5:

(...) eu acho as vezes que a gente tem uma certa desvantagem social por ser mulher! Eu falo assim, porque querendo ou não o homem ele é super privilegiado só por ser homem sabe? (...) Talvez porque as vezes a gente não tem nenhum tipo de influência assim... eu falo até pra ser respeitada numa fala! E eu sinto que as vezes a gente pode ser tudo, menos melhor que os homens, sabe? Se os homens veem que a gente sabe um pouquinho a mais que eles, (...) eles já começam a nos taxar como algo, como a louca, como... ‘Você? Você não tá sabendo o que cê tá falando não, eu que to certo’. E as vezes parte até pra uma grosseria maior (VOLUNTÁRIA 5).

A mulher, em geral, já nasce prisioneira das normas e culturas instituídas pela sociedade. Simone de Beauvoir (2001) afirma que ainda não conquistamos o nosso espaço e que vivemos como convidadas em um mundo dominado pelos homens. Portanto, o discurso que salienta o sistema hierárquico de gênero não pode ter outra finalidade se não a de perpetuar a essência do patriarcado e a superioridade masculina. Este significado social e cultural, leva as mulheres a condições de inferioridade que acarretam inúmeras outras problemáticas, como a objetificação da sua compleição física.

Tendo isso em vista, a hiper sexualização dos corpos ocorre principalmente devido a associação do corpo feminino (seja ele cisgênero<sup>3</sup> ou transgênero<sup>4</sup>) a um objeto/material público e disponível para todos a qualquer momento. Esse pensamento faz com que o corpo da mulher perca a sua singularização e subjetivação e se transforme em um instrumento de obediência e de reafirmação da supremacia do homem (COSTA, 2018).

Como visto nos trabalhos supracitados de Christine Delphy e Luce Irigaray, a sociedade patriarcal utiliza um conceito ontológico obsoleto a respeito do gênero, que reforça a objetificação da mulher e gera uma dessensibilização com relação aos seus corpos. Além disso, essa caracterização muitas vezes é encarada como justificativa para que ocorram desrespeitos como violência e assédio, como vemos na colocação da participante 17:

Mas... as vezes eu também me sinto muito... hiper sexualizada principalmente por ser preta clara que é... que é um padrão sexualizado no Brasil, sabe? Por exemplo, a globeleza entendeu? (...) que eu vou ‘pegar’, ficar ali e depois eu não vou querer efetivar nada, sabe? Eu sinto isso, muito! E... senti também por alunos, sabe? Tipo assim, de ter proposta, até mesmo homem casado pai de aluno que eu trabalhava. E assim, eu sinto muito essa hiper sexualização. (VOLUNTÁRIA 17)

A forma ao qual nossa sociedade foi construída, visando o eurocentrismo classista apoiado no sistema de diferenças raciais e entre gêneros fez com fossem criadas barreiras ainda maiores para mulheres negras. Sendo assim, as mulheres em suas interseccionalidades são excluídas das autoridades e dos meios de produção da sua comunidade e, simultaneamente a isso, existe um discurso exagerado endereçado a mulher negra, colocando-a como sujeito sexualizado e “responsável” pela procriação (FIGUEIREDO, 2015). Deste modo, percebe-se que existe um estigma ainda maior quando a dimensão de gênero é subdividida em outras matrizes interseccionais como a raça.

Para além, a “mulher-objeto” é vista também como meio de reprodução com a sua identidade inteiramente ligada às questões da maternidade. Ainda no raciocínio de Irigaray (1990), para a sociedade patriarcalista mulheres não têm outro horizonte além do da maternidade, sendo esta tratada como uma obrigação e, portanto, diretamente associada à felicidade e à realização de vida da mulher. A seguinte exposição ratifica esse pensamento:

---

<sup>3</sup> De acordo com o Manual de Comunicação LGBTI+, cisgênero é “um termo utilizado por alguns para descrever pessoas que não são transgênero (mulheres trans, travestis e homens trans)”. Utilizado para referir àqueles que se identificam com o gênero que lhe foi atribuído ao nascer.

<sup>4</sup> De acordo com o Manual de Comunicação LGBTI+, transgênero é “um termo utilizado para descrever pessoas que transitam entre os gêneros”.

(...) todo mundo coloca a mulher como aquela que só vai se realizar se tiver uma família, se construir uma família, se tiver filho, sendo que a situação não é bem essa. A gente se realiza de várias formas né? Uma delas é profissionalmente né? Então assim, por que que o homem pode se tornar um empresário de sucesso para se realizar e a mulher tem que ser mãe para se realizar né? (VOLUNTÁRIA 11)

Logo, a maternidade pode ser vista como um fator limitador da liberdade das mulheres, que oprime a criação de sua subjetividade singular e pode torná-la uma forma feminina submissa que se organiza em torno, exclusivamente, da função de procriar. Como para elas a única opção oferecida é a de reprodução, faltam-lhes oportunidades para idealizar a sua própria competência social/ profissional.

Ainda, Luce (1990) afirma que para algumas mulheres o advento das novas tecnologias extingiria essa imposição maternal visto que a possibilidade de fazer um filho sem o homem (reprodução *in vitro*) representaria a liberdade e a conquista de autonomia. Porém, uma vez que os homens não estariam completamente ausentes da reprodução já que o espermatozoide ainda seria necessário, o universo patriarcal continuará a limitar as mulheres à maternidade e enquanto elas se ocuparem desse dever reprodutivo, serão resumidas a tal função.

Uma demonstração dos dados obtidos pelo IBGE indica que a taxa de fecundidade caiu de 2,38 filhos por mulher no ano 2000 para 1,77 em 2018 (IBGE, 2018). Além disso, entre 2009 e 2019, declinou em 23,7% o número de mulheres que deram à luz com até 19 anos de idade, 8,4% entre aquelas na faixa etária dos 20 aos 29 anos e houve um aumento em 40,5% de partos registrados de mulheres com mais de 30 anos de idade<sup>5</sup>. Esses números são indicadores de um surgimento pela preferência por uma gravidez planejada, com foco na estabilidade financeira, elaboração de uma carreira e se estabelecer profissionalmente antes de se entregar à maternidade.

O aumento significativo da força feminina como chefes de família, no emprego formal, no ensino superior completo e na ocupação dos postos de trabalho (BRASIL, 2012), mostram que o paradigma da mulher inteiramente ligada à maternidade tem ganhado novos contornos. Por outro lado, corroborando com o estudo de Oliveira (2004), a falta de poder da mulher na sociedade implica na descredibilidade das mesmas, que faz com que elas tenham que se reafirmar constantemente de suas ações e dizeres. Sendo assim, ao longo de suas vidas

---

<sup>5</sup> Dados do IBGE noticiados no site eletrônico do G1 <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/12/09/em-dez-anos-cai-26percent-o-numero-de-maes-com-menos-de-15-anos-no-brasil-aponta-ibge.ghtml>

são subestimadas e questionadas sobre as habilidades e conhecimentos que possuem para desenvolver determinadas atividades. A declaração da participante 18 traz indícios de que o cenário descrito se mantém e sugere que as discussões sobre a temática se encontram distantes do fim:

(...) em relação ao que mais pesa pra mim é o fato de questionarem a validade do que a gente tá falando. Um homem vai falar alguma coisa, um conhecimento dele, vai falar: ‘É isso, isso e isso! Dificilmente alguém vai questionar se ele tá certo ou não. (...) aí a mulher fala a mesma coisa que o homem falou e ela vai ser questionada: ‘Cê tem certeza que você tá certa?’, ‘Cê estudou?’ Entendeu? (VOLUNTÁRIA 18)

Mesmo com todos os meios de comunicação e acesso a informações que possuímos no século XXI, parece ainda não estar claro para a sociedade que as mulheres ocupam seus cargos profissionais e exercem suas funções porque possuem competência para tal. Se é possível encontrar homens capazes de realizar uma tarefa ou ocupar um cargo, existem também mulheres que podem fazê-lo. Ainda nesse sentido, por ser considerada uma pessoa inapta, de intelecto ífero e detentora de um conhecimento insuficiente, os homens se apossam de discursos articulados para descredibilizar a mulher. Essas atitudes são conhecidas como *"Mansplaining"*, *"Maninterrupting"*, *"Bropriating"* e *"Gaslighting"*, expressões utilizadas para se referir a situações em que o homem tenta estabelecer uma superioridade intelectual e desmerecer o conhecimento de uma mulher, tirando a autoridade e o respeito que ela tem sobre determinado assunto.

O termo *"Mansplaining"* se popularizou após ser utilizado pela escritora Rebecca Solnit em seu livro *"Os Homens explicam tudo para mim"* (SOLNIT, 2008). Na tradução literal da palavra temos *"homem (man) explicando (explaining)"*, expressão utilizada para nomear o ato de um homem explicar algo óbvio à uma mulher, subestimando e minimizando o conhecimento dela sobre o assunto (ESPÍNOLA *et al.*, 2021). A palavra *"Maninterrupting"* (homem interrompendo) foi criada para denominar a ação do homem de continuamente interromper a mulher durante a sua fala<sup>6</sup>. *"Bropriating"*, que é junção dos termos *"Bro"* que traduzindo para o português é uma gíria que significa ‘Cara’ e *"propriating"* (apropriação), ocorre quando um homem se apropria e leva créditos de uma ideia expressada anteriormente por uma mulher, que acaba descredibilizada (CAMPO e PARZIANELLO, 2021). Por fim,

---

<sup>6</sup> MONTESANTI, Beatriz. ‘Maninterrupting’: a prática sexista de interromper uma mulher quando ela está falando. Nexo Jornal. Publicado em 18 set. 2016. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/09/28/%E2%80%98Maninterrupting%E2%80%99-a-pr%C3%A1tica-sexista-de-interromper-uma-mulher-quando-ela-est%C3%A1-falando>

“*Gaslighting*” é uma forma de abuso psicológico em que um homem induz a mulher a pensar que enlouqueceu ou que está equivocada sobre um determinado assunto, sendo que na verdade a mulher está certa. Trata-se de um cenário manipulado pelo homem para fazer a mulher duvidar de si mesma, do seu raciocínio, percepções e até sanidade (NÓBREGA, ARAÚJO e GAMA, 2019)

Esse modo silencioso de violência atinge o emocional da mulher a partir da manipulação psicológica, categorizando-a como incapaz de compreender ou executar uma tarefa apenas pelo fato de ser mulher. Esses fenômenos reforçam a ideologia de uma mulher submissa e inferior, além de contribuir para a recorrente desqualificação profissional e intelectual que desmerecem o discernimento da mulher. Essas práticas machistas minam a confiança e autoridade da mulher sobre um determinado conteúdo e, com isso, passa a ser inevitável que a mulher tenha que se validar reiteradamente.

Essas são maneiras de perpetuar a concepção de que a mulher necessita passar por uma provação como detentora de certo conhecimento e se mostrar capaz de entender sobre determinados assuntos que são de “domínio dos homens”. São formas de calar, manipular e se apropriar dos pensamentos das mulheres, fazendo com que elas sejam ainda menos ouvidas. Tal desigualdade resulta em que haja uma competição diária entre os gêneros estabelecendo uma luta de mulher *versus* universo patriarcal.

#### 4.2 Enfrentamento de estereótipos:

Os conceitos de sexo e de gênero são usados como meios de organização social que visam produzir subjetividades que se aproximam de um certo padrão e que naturalizam as identidades plurais que (re) produzem os paradigmas já existentes (WITTIG, 2018). É possível fazer um comparativo dessa caracterização com a nossa sociedade, que pode ser compreendida como uma instituição total que molda os corpos, através de reforços e punições, para que estes sejam fabricados e desenvolvidos de forma restrita. Essa modelagem generalizada ocasiona na criação de uma normatividade, que é entendida como um sistema de controle das práticas sociais e dos corpos que a compõem (BUTLER, 2004).

Sendo assim, perpetuam-se reproduções históricas fundamentadas na diferença sexual para estabelecer discursos que promovem a iniquidade entre os gêneros. Essas ideologias são estimuladas com base em convicções retrógradas e misóginas que determinam nossos

comportamentos e funções, organizando, classificando e hierarquizando os corpos. O trecho a seguir exemplifica como esses discursos são propagados e interferem na vida da mulher:

Eu meio que cresci um pouco traumatizada com essa imagem que a sociedade cobra da gente. (...) Eu sempre gostei de esporte, mais precisamente futebol e, por ser mulher, já tem esse certo preconceito. (...) Aí, sempre que eu falava que eu queria jogar o futsal -reproduzindo termos que eles usavam- eu era a ‘Maria macho’. (...) Enfim... quando eu estava indo pro Ensino Médio, eu tinha 15 anos, no meu time as meninas começaram a ter uma outra opção sexual e aí eu comecei a ser atacada! Tipo: ‘Você, que me aparece em casa com outra opção sexual...’, ‘Se você mudar a sua opção sexual... nossa... (tom de ameaça)’(...) E isso foi colocando uma pressão tão grande em cima de mim, que eu tinha que ser a “garota perfeita”, que eu larguei o futebol por 5 anos. Essa foi a pior decisão que eu tomei na minha vida! (...) Você tem que tentar ser a mais educada, mais fofinha, mais bela, recatada e do lar possível (VOLUNTÁRIA 6).

Essas reproduções, como as citadas pela voluntária, manipulam nossas subjetividades e reforçam cada vez mais os estereótipos que nos limitam, ou até mesmo privam, de certas experiências no espaço social. No Brasil, percebe-se uma enorme falta de estrutura que incentive a prática do futebol por meninas e mulheres, uma vez que existem poucos campeonatos da modalidade, as contratações são efêmeras e as políticas privadas e públicas de incentivo à prática do futebol são praticamente inexistentes (GOELLNER, 2005)

Ademais, essa categorização das nossas compleições produz um universo excludente e carregado de estereótipos que interfere diretamente no comportamento das pessoas, principalmente das mulheres. À vista disso, as mulheres tendem a se submeter a procedimentos cirúrgicos e estéticos como uma forma de afirmação de gênero, consequência da pressão social para que elas se sintam “encaixadas” nos padrões impostos e exigidos.

Nesse sentido, reitera-se a definição de Michel Foucault a respeito do sexo como dispositivo histórico incumbido de disciplinar e regular as populações, controlando os corpos individualmente e socialmente (FOUCAULT, 1999). Para o estudioso, obter poder sobre os sexos significa ser capaz de censurar e construir uma sociedade subordinada através da soberania que, por meio desse sistema simbólico de segregação, coloca o feminino em condição de inferioridade.

Dessa forma, o determinismo funcional e comportamental impostos diariamente em nosso cotidiano são peças-chave para imortalizar esses estereótipos. Ainda na fala da participante 6, observa-se a construção social associada ao determinismo funcional que preserva a ideia de que existem mundos separados para homens e mulheres. A conceituação de “coisa de homem e coisa de mulher” implica em sustentar o pensamento primitivo de que as mulheres devem voltar as suas atividades ao meio privado/ familiar. Através do conceito de

dispositivo sexual explicado por Foucault, tem-se que esse sistema simbólico elabora dois domínios diferentes e opostos que estabelecem quais e como os corpos podem/ devem performar.

Além disso, essa perspectiva a respeito da “função” de cada sujeito está diretamente ligada com o determinismo comportamental, sendo que um reitera o outra e vice-versa. Nas seguintes colocações vemos como a utilização desses estereótipos influencia na ordem da sociedade, em especial no mercado de trabalho:

Eu acho que tem sim, porque nesse campo da Educação Física eles vão sempre arrumar aquela vaga que a gente fala... aquela coisa soft, pra mulher. Se tiver uma vaga de cargo só na musculação aberta, eles vão dar a oportunidade pro homem. Então pra mulher vai está sempre a oportunidade mais soft e mais leve. (VOLUNTÁRIA 20)

Eu só ia falar daquele estereótipo de que homem é mais rígido e mais sério e a mulher é mais coração mole e seria talvez mais flexível com alguém no treinamento, por exemplo, não seria tão eficaz. Isso tem demais, eu acho. (VOLUNTÁRIA 19)

(...) na nossa área sempre vão inferiorizar a mulher. É como se ela não conseguisse exercer a mesma função, ela tem que fazer uma coisa mais fácil, ou então até a questão que a participante 3 citou, da recepção, talvez porque ela é mais simpática... (VOLUNTÁRIA 1)

Simone de Beauvoir (2001) utiliza o termo “eterno feminino” para conceituar a imagem inventada, que cataloga as mulheres descrevendo-as como intuitivas, encantadoras e sensíveis, seres incapazes e desprovidos de inteligência. Essa idealização conserva a representação cultural da identidade feminina que associa as mulheres “à sensibilidade, às capacidades instintivas e intuitivas, opondo-as às questões universais, racionais, políticas e culturais” (VIEIRA *et al.*, 2020). Esse mito é utilizado também como dispositivo, a fim de manipular e limitar as áreas de domínio das mulheres, para manter a relação de poder já existente.

Assim, é constituída socialmente uma realidade que coloca os homens como detentores do conhecimento. Porém, por se tratar de uma convenção social inventada e imposta, é necessário que ela se reinstitua constantemente através da criação de códigos socialmente aplicados como naturais. O discurso que associa o corpo feminino ao nível de conhecimento que o mesmo possui é um exemplo de como o sexismo utiliza de pressupostos vazios para manter a organização a seu favor. Tendo isso posto, a mulher tem a sua competência e o seu reconhecimento profissional comprometidos e relacionados com a sua estética. Então, a sociedade recorre a “justificativas” como o “teste do sofá” ou até mesmo às

forças desconhecidas, como a sorte, para deslegitimar o sucesso e a qualificação profissional das mulheres.

Não suficiente, criou-se ainda uma idealização de carreira da mulher. Desde a infância a sociedade coloca uma expectativa sobre as meninas quanto ao caminho que devem seguir, as resumindo a uma série de percursos. A vida da mulher está marcada por fatos que determinam os estágios de cada ciclo, como na puberdade (com a menarca e com a perda da virgindade) e na concepção (com a gravidez e o parto). O anseio pela ordem dos fatos gera uma pressão ao que concerne a tomada de decisão das mulheres, como exposto na seguinte colocação:

E uma outra coisa que eu vejo também é que a maioria das pessoas traçam uma reta de como a sua vida tem que ser. Então ah, você tem que formar, e aí você tem que entrar em uma graduação, aí depois você tem que ser um bom profissional, aí depois você tem que construir a sua família, aí depois você morre! (...) As pessoas criam meio que um caminho único para você seguir e se você sai é porque você não deu certo. (...) então se você pula etapas as pessoas falam assim ‘Ah então você não deu certo’ (...) é como se tivesse um padrão de escolhas também. (VOLUNTÁRIA 1)

Uma vez que a sociedade naturaliza a ideia de que os sujeitos possuem o controle sobre a trajetória de vida das mulheres, as pessoas se sentem no direito de cobrar como e quando os fatos devem/podem ocorrer. Ademais, se existe uma frustração quanto às tomadas de decisão da mulher e nesse sentido as pessoas se reconhecem no direito de reagir com repulsa e julgamentos, sentenciando as escolhas optadas. Nos depoimentos de duas voluntárias que vivenciam a maternidade, ficaram evidente essas opressões:

As vezes as pessoas me perguntam: ‘Nossa, mas sério? Não foi sem querer?’ E eu já ouvi isso de professores dentro da UFOP, de perguntar, de sentir uma risadinha (...) eu sentia várias vezes no ar as piadinhas. As vezes uma pergunta meio tipo ‘An? Sério?’ sabe? Então assim, dentro da própria universidade!! (...) ‘Não, mas será que você vai dar conta? ‘Mas nossa, você não tá muito nova?’, Você tá escolhendo isso?’, sabe? (VOLUNTÁRIA 4)

Nossa, eu escuto sempre a piadinha do mesmo professor nas aulas e é uma coisa ridícula, porque faz a gente se constranger na frente de todo mundo e até colegas da UFOP também fazem piadinha... Não acho muito legal, mas é isso. Todo momento tem julgamentos... critica, questionamentos. Sendo que tipo assim, como participante 4 falou né, a vida é sua, a escolha é sua! (VOLUNTÁRIA 2)

O modo operante dos sistemas simbólicos é o fator primordial para que se criem os discursos de estereótipos de gênero que estão enraizados em nossa cultura. Essas reproduções nos enquadram em categorias que geram uma deturpação da imagem da mulher e que extrapola para o campo profissional. Ao estipular o padrão ao qual as mulheres devem se

comportar ou funções sociais que devem desempenhar cria-se um estereótipo generalizado sobre a capacitação desse grupo, que interfere diretamente na sua imagem no mercado de trabalho. Assim, a profissional de Educação Física tem sua qualificação limitada e comprometida pela carga cultural dos estereótipos de gênero, uma vez que, associa-se a mulher a uma figura fraca e incapaz.

#### 4.3 Percepções sobre a Educação Física

A Educação Física é uma área na qual o mercado de trabalho apresentou uma expansão nas últimas décadas, tanto na licenciatura quanto no bacharelado. Segundo o MEC/INEP, o número de profissionais aptos a atuar nessa área entre 1990 e 2001 foi pouco mais de 38 mil, 182 mil a menos do que o número estimado no período de 2002- 2010. Apesar do crescimento da profissão, percebe-se, de acordo com as pontuações das participantes, que o campo de atuação ainda desvalorizado.

O ambiente de trabalho normalmente estimula a ideia de um trabalhador flexível, autônomo e adaptável, que seja capaz de atender às demandas necessárias, mas esses critérios provocam jornadas de trabalho mais extensas e remuneração hora/aula baixa. Segundo o Relatório Anual de Informações Sociais (RAIS) de 2014, na rede de ensino, os professores do ensino fundamental, médio e superior possuem remuneração entre R\$ 1.914,58 e R\$ 2.161,42. Já os treinadores de futebol recebem em média R\$ 2.935,22 e os profissionais do treinamento vinculados ao campo do fitness e esportivo possuem o salário mais baixo (R\$1.241,68). Ainda, existem também grandes desigualdades salariais entre os gêneros, tema que discutiremos na próxima categoria.

Ademais, notou-se uma insatisfação das participantes quanto ao mercado de trabalho da Educação Física nas cidades de Ouro Preto e Mariana, como identifica-se no pronunciamento da participante 09:

Eu acho que tem uma desvalorização do profissional, tanto do bacharel quanto da licenciatura, independente de escola, academia, escolinha... ele é desvalorizado. (...) a região principalmente aqui Ouro Preto, Inconfidentes, paga muito pouco pro profissional e isso faz com que ele procure outros lugares para poder dar aula, então fica sobrecarregado. De manhã trabalha, é estudo, é estágio, é trabalhando o tempo todo para conseguir ganhar R\$10,00/hora, R\$20,00/hora. (...) essa desvalorização faz com que nós profissionais tenhamos uma carga horária muito grande né, e pouca valorização. Isso faz com que a gente trabalhe mais e receba menos (VOLUNTÁRIA 9)

Essa caracterização da profissão na região pode ser justificada pelo perfil das pessoas que estão atuando no local. Uma vez que a cidade possui uma grande demanda de emprego para estudantes que estão a procura de estágios, a média salarial para aqueles que desejam ser contratados formalmente é baixa. Além disso, ao que tudo indica são raras as organizações que se comprometem a fazer contratações com carteira assinada em regime integral clássico da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), em que o funcionário teria direito a todos os benefícios previstos em lei. Isso aumenta o número de profissionais autônomos que precisam disputar o mercado com os estagiários e com aqueles que atuam como profissional de Educação Física sem possuir o título de graduação para exercer essa função.

Em contrapartida, observa-se nas falas das voluntárias que existe uma motivação intrínseca para atuar no cargo. Dentre as causas estão a vontade e a necessidade de ver a Educação Física como uma profissão reconhecida e valorizada e a satisfação pessoal que se revela através dos feedbacks positivos dos alunos/clientes. Vemos o seguinte comentário:

O que mais me motiva são dois pontos também: um é exatamente o que a participante 18 falou, poder mostrar tudo o que a Educação Física tem de bonito e que não é tão simples, não é qualquer pessoa que pode fazer isso! Que todo processo árduo que a gente tem é necessário e preciso pra tá onde a gente tá. E outro motivo é a satisfação quando o aluno vem falar 'Poxa, eu não sabia que eu podia fazer isso' ou se não 'Nossa, isso que você falou comigo melhorou tudo o que eu precisava'. Então assim, o retorno do aluno eu acho que é o que mais me motiva. Conseguir alcançar o que ele precisava é o que mais me deixa feliz (...) (VOLUNTÁRIA 16)

Ainda que a profissão esteja em constante desvalorização, existe uma expectativa de crescimento da área após a pandemia. Pelo que foi observado nos encontros, as discentes acreditam que a população está começando a perceber a importância de praticar atividades e exercícios físicos no seu cotidiano. Esse entendimento se expandiu durante a atual pandemia em que vivemos, já que temos vários estudos (SALLIS *et al.*, 2021; ARAÚJO, 2021; DENAY, 2020) que comprovam que o exercício pode ser um fator fundamental para evitar maiores complicações e ajudar na recuperação para aqueles que se infectaram com o COVID-19.

Nessa perspectiva, o anseio é que profissionais da área da Educação Física sejam mais requisitados por clientes, alunos, empresas e organizações para que seja viável que as pessoas alcancem um certo nível de prática de atividades no dia a dia. Sendo assim, especula-se que haverá um aumento da demanda nesse mercado de trabalho que atua em segmentos relacionados tanto a saúde física quanto a mental. Já é possível identificar uma ascensão da

profissão ao passo que em 2020 houve um aumento de 50% da procura por treinos em casa<sup>7</sup> e consequentemente a busca por profissionais para acompanhar e prescrever esses treinos também aumentou<sup>8</sup>.

Para além desses fatores, notou-se que para as voluntárias a escolha de ser profissional de Educação Física provoca uma série de fatores que podem afetar suas rotinas, criando hábitos de promoção de autocuidado e autoconhecimento ao corpo. Para a maioria das participantes as suas futuras atuações nessa área exigem que se mantenha um certo estilo de vida ativo, já que vários campos de atuação requerem vivências e práticas corporais. Esse pensamento cria uma linha tênue entre ter um corpo predisposto para a ministrar as aulas/treinos e buscar um corpo perfeito que se aproxima mais de um ideal padronizado.

Além disso, a necessidade de se manter um corpo dentro dos padrões estabelecidos socialmente parece uma cobrança para quem trabalha no campo da Educação Física. As voluntárias alegaram também que existe um estigma sobre a profissional da área e o seu corpo, em que as pessoas que não possuem o “corpo ideal” não seriam capazes de fazer com que seus clientes conseguissem obter os resultados desejados.

Fora que se você não tiver um corpo que as pessoas consideram como um corpo que as pessoas deveriam ter, como que você vai saber deixar alguém com aquele corpo. Tipo assim, ‘Ah, ela tá mais gordinha, como que ela vai saber emagrecer alguém?’ Já ouvi isso. (VOLUNTÁRIA 17)

Essa exigência pelo padrão e imagem perfeitos extrapolam para as subjetividades, criando um modelo comportamental a ser seguido. A construção de uma normativa social reflete diretamente nas atitudes das profissionais, que se veem na obrigatoriedade de ter que zelar e manter um certo perfil em seu ambiente de trabalho e fora dele. Como dito anteriormente, essa cobrança é ainda maior nas mulheres, que são pressionadas a manter essa figura de pessoa reservada, pura e dedicada à família. Sendo assim, o mercado espera um certo comportamento das profissionais e impõe o modo como as mesmas devem se portar, interferindo nas suas vidas pessoais e, uma vez que esse padrão não é seguido, a mulher é deslegitimada. Observamos o diálogo das voluntárias:

---

<sup>7</sup> Dados encontrados em matéria do Terra, disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/dino/busca-por-treinos-em-casa-cresce-mais-de-50-na-quarentena,e947946d84189ad3f1e2d34ea99d31b12lq5pgky.html>

<sup>8</sup> De acordo notícia publicada no jornal eletrônico G1, disponível em: <https://g1.globo.com/mg/centro-oeste/especial-publicitario/unicesumar/educacao-a-distancia/noticia/2021/03/17/pandemia-faz-com-que-cresca-a-demanda-de-educadores-fisicos.ghtml>

(...) em questão da licenciatura por exemplo, você tem alguns alunos que são crianças ainda, aí as vezes eles te seguem no *Instagram* e você posta o que você tá vivendo e acaba passando uma imagem que os pais não gostariam e tudo mais. Então a gente precisa ter um pouco de cautela em relação a isso. Só que também acho que as pessoas tem que entender que nós somos Seres Humanos e que a gente vive a nossa vida e expõe tudo que a gente gostaria de expor. Eu acho que a gente tem que ter o mínimo de respeito no ambiente de trabalho, obviamente, só que é muito cobrado que você seja totalmente com o corpo totalmente perfeito, maquiada, bem apresentável o tempo todo e as coisas não são assim! Ainda mais a gente que vai trabalhar 12h por dia você quer que eu mantenha os cílios lá em cima 12h por dia? (risada). De manhã, 6h da manhã... não dá! (VOLUNTÁRIA 16)

Bom, diante do que a sociedade coloca, temos inúmeras imagens a zelar que eu não concordo nem 90% delas, mas diante da sociedade, sim! Temos muita imagem a zelar. Em relação ao corpo, em relação ao comportamento, em relação à exposição..., mas o que eu acho é que realmente, não só mulher como qualquer pessoa que tem que zelar a imagem, é a imagem profissional. No sentido de ser sério no que que você tá fazendo, agir com profissionalismo, isso sim deve ser cobrado, mas não só da mulher (...) (VOLUNTÁRIA 18)

A imagem feminina criada pela sociedade e difundida pelas mídias cultivou uma cultura que expõe o corpo da mulher como objeto de propaganda e desejo. As redes sociais são o grande meio de proliferação desse padrão de aparência física, que criou um mercado que vende o modelo de corpos potencializados. O foco é fazer com que as pessoas consumam a ideia de manter um certo tamanho, formato e o peso do seu corpo, propondo que não deve haver marcas ou excessos indesejados.

O mercado das “Musas *fitness*” comercializa um estilo de vida focado na produção de um “corpo perfeito”, em que aqueles que se comprometem com esse modo de viver devem fazer sacrifícios em sua rotina como, prática excessiva de exercícios, dietas extremamente rígidas e uso de medicamentos manipulados. “Todavia, a exercitação intensa e a alimentação mensurada e comedida não produzirão as arquiteturas corporais festejadas, visto que os músculos teimam em apagar a sinuosidade dos corpos potencializados, afastando-os da arquitetura corporal que remete à feminilidade normalizada” (Venturini *et al.*, 2020, p.8).

O corpo *fitness* feminino visto como produto de consumo baseia-se no “ideal de beleza” e reforça a ideia de corpos inacabados que precisam ser reestruturados, com foco na monetização da aparência física como mercadoria (Venturini *et al.*, 2020). A criação do conceito do “corpo perfeito” abre espaço para o mercado em que o produto final é uma beleza artificial e um corpo como objeto a ser consumido, além de estimular os rituais de modelagem do corpo em que as mulheres passam por cirurgias e situações de dor para alcançar uma ilusão. O mercado das “Musas *fitness*” enfatiza a formulação de padrões estéticos e alimenta o trauma da mulher sobre seu próprio corpo “imperfeito”.

#### 4.4 O mercado da Educação Física para elas

De acordo com o Art. 5 da Constituição Federal “todos são iguais perante a lei. Não havendo privilégios, distinções, por motivo de nascimento, sexo raça, profissões próprias ou dos pais, classe social, riqueza, crenças religiosas ou ideias políticas” (BRASIL, 1988, artigo 113 parágrafo 1º). Portanto, é cabível que todo ser humano, independentemente de seu gênero, está no seu direito de poder exercer uma atividade remunerada em determinada organização, sem sofrer qualquer tipo de discriminação. Não é preciso fazer pesquisas profundas para constatar que esta lei é esquecida nos contextos organizacionais.

Assim como citado em categorias anteriores, nos últimos anos o Brasil tem passado por mudanças demográficas, sociais e culturais significativas para o aumento da força de trabalho feminina remunerada. A diminuição da taxa de fecundidade e no tamanho dos arranjos familiares, o aumento de mulheres que frequentam escolas e ingressam nas universidades, são fatores que influenciaram na viabilização do acesso das mulheres às novas oportunidades de trabalho. Em contrapartida, as mulheres e suas interseccionalidades se deparam com dificuldades para se inserir no mercado de trabalho, ao passo que as circunstâncias da sua realidade tornam o momento da sua contratação e o seu esforço para a permanência no cargo desiguais, quando comparado aos do homem. Um estudo que analisou as entrevistas de emprego em duas grandes universidades americanas - a Universidade da Califórnia e da Universidade do Sul da Califórnia - constatou que as mulheres possuem entrevistas de emprego mais difíceis, além de serem interrompidas mais vezes durante as suas apresentações (BLAIR-LOY *et al.*, 2017).

De acordo com o que foi debatido nos grupos focais desta pesquisa, o desgaste das tarefas domésticas como limpeza, organização da casa, cozinhar e lavar roupas pode ser caracterizado como empecilho para a permanência da mulher no mercado de trabalho. Assim, o trabalho doméstico se mostra um grande fator gerador de desigualdade, pois o homem possui o privilégio de poder focar apenas em seu trabalho ou nos seus estudos enquanto as mulheres devem conciliar sua rotina recheada com maiores jornadas de trabalho com as obrigações domésticas.

Em específico, foram abundantes as menções a respeito das tarefas alusivas à maternidade como um importante fator no momento da contratação e permanência nos empregos. Pesquisa da empresa de mercado MindMiners constatou que 47% das entrevistadas

já haviam sofrido rejeição para ocupar uma vaga por serem mães ou desejarem ter filhos<sup>9</sup>. Supostamente, as mulheres que são mães estão sujeitas a serem rotuladas como menos comprometidas com o trabalho, diferente do que ocorre com os homens. Vemos na observação da participante 16:

Em relação a entrevista de emprego eu acho que existe uma diferença sim, justamente no que a participante 19 falou, sobre você ser casada e ter filhos. Porque eu acho que infelizmente a mulher acaba sendo a cuidadora *more* do filho. Então assim, se você é mulher e tem filho, você vai precisar de um tempo de folga do seu trabalho pra cuidar desse filho (...), mas se você é homem e tem filho, você tem mulher pra cuidar! Então não importa. (VOLUNTÁRIA 16)

Em síntese, num dado momento, teoricamente, a mulher teria que escolher entre a maternidade e sua carreira profissional, pois mesmo que as organizações se disponham à flexibilização de horários e até mesmo o home office, os conflitos continuam existindo. Enquanto persistir o pensamento de que o trabalho doméstico, especialmente o cuidado de crianças, é exclusivo das mulheres, teremos também comportamentos altamente segregacionistas e não inclusivos. Sendo assim, estaríamos equivocados se afirmarmos que a inserção da mulher no mercado de trabalho se dá de maneira simples. Fatores como distribuição desigual de poder, distribuição desigual de tarefas e a falta do devido reconhecimento por elas e o autoritarismo evidenciam a segregação por sexo que transcorre algumas culturas do contexto organizacional (GOIACIRA E MACEDO, 2004). Ainda, essas segregações são potencializadas quando nos referimos às interseccionalidades como raça, etnia, orientação sexual, padrões estéticos e de condições financeiras que estão presentes e muito evidentes na sociedade.

Tais separações, somadas aos padrões estabelecidos pelos conceitos socialmente construídos sobre determinismo funcional e comportamental, colaboram para a segregação ocupacional do mercado da Educação Física. A partir da análise de Fonseca e Neto (2020) sobre a Relação Anual de Informações Sociais de 2014, encontrou-se que apenas a proporção de homens e mulheres que atuam no meio escolar de ensino fundamental e médio é equilibrada. Em todas as outras áreas de atuação da Educação Física os homens são predominantes, sendo que no ramo de treinador profissional de futebol e preparador de atletas a supremacia masculina é mais de 340% e 250%, respectivamente.

---

<sup>9</sup> Notícia disponível no site eletrônico <https://epocanegocios.globo.com/Carreira/noticia/2017/10/47-ja-foram-rejeitadas-para-emprego-por-serem-maes-ou-desejarem-ter-filho.html>

A falta de representatividade das mulheres no meio esportivo se dá pelo fato de que esse meio é visto como um “ambiente masculino”, caracterizado com adjetivos como força, determinação, resistência e busca de limites, os quais são reservados aos homens (RUBIO E SIMÕES, 1999). Da mesma forma, para Hernandez-Alvarez *et al.* (2010) no campo escolar há uma leve prevalência do gênero feminino, pois impera o pensamento do papel do cuidar e ensinar que é associado às mulheres. Na declaração da voluntária 9 podemos ver como a segregação sexual leva a falta de representatividade da mulher, em determinadas áreas de atuação:

Então assim, a pessoa precisa nem falar comigo, mas certos comportamentos sabem? A forma, também, como eles age com a gente. Acham que a gente não consegue pegar determinada carga... não pedem ajuda num do supino (...) acha que porque a gente é mulher a gente não tem força, nós não somos inteligentes, acham que a gente não pode tá ali né? Para exercer a nossa profissão. Então assim, é esse comportamento machista todos os dias, não precisa falar nada, mas a gente percebe. (...) há uma segregação ali, na academia e em todas as áreas que você for trabalhar, principalmente com homem, você fica segregada ali e o pessoal finge que nem tá te vendo. (VOLUNTÁRIA 9)

A mesma participante complementa:

Eu vejo a dificuldade que eles têm para chegar perto de mim e pedi alguma dica de alguma coisa, perguntar se o exercício tá errado... parece que eles sentem vergonha. Tipo, deles acharem que nós somos mais inteligentes... não querendo ser arrogante né? (...) Eu acho que essas dificuldades que eles têm, por exemplo, vê uma mulher falando de futebol, eles não admitem que a gente, nós né, tenhamos capacidade para isso. Então a gente é desvalorizada também em questão a isso. A profissão é desvalorizada e nós, mulheres, somos mais desvalorizadas ainda. (VOLUNTÁRIA 9)

Além dos desafios a respeito da desigualdade de gênero encontrados para entrar no mercado de trabalho, existem ainda as iniquidades de oportunidade e salários existentes dentro dos cargos. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) divulgou em 2019 que as mulheres ganham em média 20% a menos do que os homens para desempenhar a mesma função<sup>10</sup>. Com base na análise das informações obtidas no RAIS de 2007 (PRONI, 2010), constatou-se que em Minas Gerais os salários dos homens podem ser até 60% mais altos do que os das mulheres em empregos formais na área da Educação Física. Ainda, apesar de terem uma remuneração mais baixa, a média de jornada de trabalho nessa profissão é maior para as mulheres (FONSECA E NETO, 2020).

<sup>10</sup> Dados obtidos no site ONU News. Disponível em <https://news.un.org/pt/interview/2019/03/1663351>

Atualmente, as formas de produção capitalista e patriarcal estimulam a segregação por sexo na esfera do trabalho em que as mulheres são encaminhadas a posições inferiores como empregadas domésticas, secretárias, cuidadoras, educadoras, dando lugar a uma sexualização no próprio trabalho, onde se exerce, em muitas ocasiões, o assédio sexual (CURIEL, 2005). Esse tipo de exposição gera situações de humilhação e constrangimento e cria sentimento de impotência ou vulnerabilidade assim como relata a voluntária:

(...) a situação que eu vivenciei assim, clara de assédio, dentro do local de trabalho, era um pai de um aluno que era casado e além de ser casado ele era muito rico. Então assim, homem, branco, hetero, rico, detendo todo o poder daquela situação e eu era uma estagiária só. (...) pra eu reagir alguma coisa eu tenho que ver se tem alguma câmera, se alguém viu, se alguém vai comprar a briga, porque sozinha eu não teria poder contra ele. Ele poderia me mandar embora. (...) Então assim, eu me senti impotente diante da situação. (VOLUNTÁRIA 17)

O assédio, seja ele sexual ou moral, ocorre como uma forma de reafirmação hierárquica. De acordo com o que foi observado nos grupos focais, as profissionais da Educação Física estão suscetíveis a situações de assédio físico, tanto nos estágios quanto nos empregos formais. Por se tratar, em sua maioria, de cargos que requerem práticas corporais, as mulheres que atuam nesse meio necessitam fazer uso de roupas adequadas para tal e, ao que parece, alunos, chefes e colegas de profissão inconvenientemente veem essa questão como um convite para concretizar ações de assédio.

As formas de assédio vão para além do mercado de trabalho e interferem no cotidiano das vítimas. A figura feminina é sexualizada e objetificada dentro da Educação Física de tal forma que interfere no livre arbítrio das pessoas que atuam nessa área. Deixar de usar uma determinada roupa, mudar a forma como se portar, e censurar a aparência dos nossos cabelos, são atitudes que revelam como somos fetichizadas em cada um de nossos comportamentos. Não obstante, ainda nos cobram a responder pelo olhar do outro, como vemos nas falas das voluntárias

Por exemplo, não dá para você ficar com uma calça extremamente marcada, extremamente apertada, lidando com criança. Você vai lidar com pai... e eu acho muito complicado assim, porque a gente não responde pelo olhar do outro. (VOLUNTÁRIA 4)

Que eu já ouvi de uma pessoa na graduação, né, de um professor, que a gente deveria dar aula de cabelo amarrado porque se não os alunos do ensino médio poderiam nos achar atraentes. E assim, são coisas que... que... a gente não é responsável pelo que os alunos vão achar né? (VOLUNTÁRIA 11)

Eu gosto de andar muito de roupa de ginástica de legging e tal, mas eu sempre uso com uma blusa maior, que vai tampar minha bunda, que vai tampar mais, sabe? Eu acho que fico melhor, porque eu acho que de outra maneira eles vão me olhar de outra forma e eu não vou me sentir confortável. (VOLUNTÁRIA 14)

Mas tem lugar que eu to eu fico assim, caçando uma blusa pra amarrar, porque as vezes tem os inconvenientes que não para de olhar e ficam comentando. (VOLUNTÁRIA 5)

... vai fazer um estágio, vai dar aula, a roupa que você veste chama atenção demais dos seus alunos e acaba que te gera um desconforto, o que não aconteceria com o homem, por exemplo (VOLUNTÁRIA 16)

(...) de *legging* e de blusa de manga a gente morre na academia. Pelo menos na que eu trabalho agora não tem ar condicionado, então é um calor do cão. E pro homem tem calça, e tem bermuda e regata, pra mulher é *legging* e blusa de manga. (VOLUNTÁRIA 19)

A sociedade patriarcal normaliza o sentimento de posse e pertencimento do homem sobre a mulher e, conseqüentemente, naturaliza e torna invisível a violência cotidiana sofrida por nós. Ter a liberdade de poder usufruir de qualquer atmosfera com o mínimo de segurança deveria ser um direito básico e incontestável, mas percebe-se que em nosso atual contexto social esse direito é um privilégio exclusivo de certas classes e gênero (VIEIRA *et al.*, 2020). O assédio, então, se transforma em uma ferramenta de violação de poder que desqualifica a vítima de maneira deliberada e constante através de situações abusivas.

Assim, quando discutimos sobre o quanto é mais difícil para as mulheres alcançarem um patamar mais alto em suas carreiras do que é para os homens, deve-se refletir sobre as limitações estabelecidas a elas pela sociedade. Tendo isso em vista, observa-se uma diferença discrepante entre o número de homens e mulheres que ocupam cargos de liderança dentro das organizações. Reforçamos, ainda, os dados supracitados divulgados pela Organização Internacional do Trabalho que destaca uma relação inversa entre ocupação em cargos de alta hierarquia e a presença de mulheres nos mesmos, ou seja, quanto maior a hierarquia do cargo, menor é a participação de mulheres.

Há uma predominância de homens cisgêneros, brancos e heterossexuais nas posições de liderança da sociedade e, na Educação Física, essa hegemonia persiste. No meio esportivo é onde conseguimos perceber com mais clareza essa discrepância. De acordo com o Comitê Olímpico Internacional (COI), dos 206 Comitês Olímpicos do mundo, apenas 17 são presididos por mulheres<sup>11</sup>, número que expressa essa desigualdade da representatividade

---

<sup>11</sup> De acordo com o que foi publicado na matéria no site do Globo Esporte em <https://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/contra-dura-realidade-mulheres-lutam-por-espaco-em-cargos-de-lideranca-no-esporte-brasileiro.ghtml>

feminina nesse ramo, já que a proporção mundial de homens e mulheres é uniforme (49,54% mulheres e 50,46% homens<sup>12</sup>). As mulheres que alcançaram posições de destaque dentro das organizações devem ser vistas como modelo para a luta que busca mudanças sociais e culturais para alcançar oportunidades iguais entre os gêneros. As líderes têm a capacidade de conseguir quebrar com os paradigmas do “universo masculino” e destacar uma nova realidade possível na qual as mulheres são chefes não só de suas famílias, mas também de suas carreiras profissionais.

---

<sup>12</sup> Dado obtido através da análise da matéria “Há mais homens ou mulheres no mundo?”, Disponível em: <https://pt.ripleybelieves.com/are-there-more-men-or-women-in-world-392>

## 5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para desdobrar os caminhos para o fim da desigualdade entre os gêneros é necessário, primeiro, que se saiba identificar as origens de tal condição. Acreditamos que os estudos a respeito da condição feminina no espaço profissional, em especial na Educação Física, sobre as características e condições do mercado de trabalho nessa área são imprescindíveis para abrir espaço para os debates a respeito da desigualdade de gênero e reconhecer os problemas acerca desse tema.

Após a análise das respostas das voluntárias, fica evidente que as futuras profissionais da área se veem em um lugar de desvantagem social em que são tratadas com inferioridade no ambiente em que vivem e rotuladas à uma série de estereótipos. A partir de uma análise sociológica das falas das participantes através dos tópicos (i) “condição da mulher”, (ii) “enfrentamento dos estereótipos”, (iii) “percepções sobre a Educação Física” e (iv) “o mercado da Educação Física para elas”, compreendemos que os comportamentos da nossa sociedade são fatores cruciais para moldar as normas do mercado de trabalho e a perspectiva e expectativa das estudantes sobre o mesmo.

Mesmo admitindo que alguns espaços já estão sendo conquistados e reconhecidos, a busca pela equidade de gênero no mercado de trabalho é apenas uma das questões que compõem as discussões a respeito das relações de gênero. Assim, a presença da mulher em seu lugar de fala tem servido como referência de liberdade, igualdade e apropriação de seus próprios direitos, contribuindo como uma grande engrenagem dentro da complexa estrutura dos nichos sociais. Ao nosso ver, é essencial dar mais visibilidade a essa temática para que assim, homens e mulheres sejam capazes de evoluir e se desvencilhar dos estigmas que regem a nossa sociedade e avançar para a busca da equidade de gênero na carreira das profissionais de Educação Física.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Alfredo Cesar. Mercado de trabalho e educação física: aspectos da preparação profissional. **Revista de Educação (Itatiba)**, v. 10, p. 141 – 149, 2007.

ARAÚJO, Claudio Gil Soares de; Physical Activity, Exercise and Sports and Covid-19: What Really Matters. **International Journal of Cardiovascular Sciences** [online]. 2021, v. 34, n. 2, pp. 113-115. Disponível em: <<https://doi.org/10.36660/ijcs.20210003>>. Epub 26 Feb 2021. ISSN 2359-5647. <https://doi.org/10.36660/ijcs.20210003>. Acesso em: 21 de junho de 2021

BACKES, Dirce Stein; COLOMÉ, Juliana; ERDMANN, Rolf; LUNARDI, Valéria Lerch. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas: inovação metodológica em pesquisas qualitativas. **O Mundo da Saúde** (CUSC. Impresso), v. 35, p. 250-259, 2011.

BARDIN. Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Editora Edições 70, 1977.

BEAUVOIR, Simone. (2001). "La Feminité: un piège", Sylvie Le Bon de Beauvoir (trad.), in Simone de Beauvoir, Bonal, G. & Ribowska, M & Loviny, C. (org.). Paris: **Seuil**, pp. 114-117

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980

BRASIL, Ministério do Trabalho e Emprego. Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho. Relação Anual de Informações Sociais (RAIS). Brasília - DF, **Ministério do Trabalho e Emprego, 2014**. Disponível em: <http://pdet.mte.gov.br/microdados-rais-e-caged>. Acesso em: 24 de maio de 2021.

BRASIL (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. [S.l.].

BRASIL (2012). Relação Anual de Informações Sociais (RAIS). Ministério do Trabalho e Emprego. Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho. **Brasília, DF, 2012**.

BORGES, Camila Delattore; SANTOS, Manoel Antônio. Aplicações da técnica do grupo focal: fundamentos metodológicos, potencialidades e limites. **Revista da SPAGESP**, São Paulo, v. 6, n.1, p. 74-80, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. Disponível em [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/BOURDIEU\\_\\_Pierre.\\_A\\_domina%C3%A7%C3%A3o\\_masculina.pdf?1332946646](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/BOURDIEU__Pierre._A_domina%C3%A7%C3%A3o_masculina.pdf?1332946646). Acesso em 11 de agosto de 2021

BUTLER, Judith. "Violence, Mourning, Politics", in Butler, Judith, **Precarious Life: the powers of mourning and violence**. Londres e Nova Iorque: Verso, pp. 19-49, 2004

CAMPO, Louise Ariane da; PARZIANELLO, Geder Luis. A comunicação não violenta no mercado de trabalho da mulher jornalista **Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, v. 20, n. 42, 2021.

COSTA, Ana Kerlly Souza da. Hipersexualização frente ao empoderamento: a objetificação do corpo feminino evidenciada. **Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade**, 2018. Rio Grande/RS. Disponível em: <https://7seminario.furg.br/images/arquivo/338.pdf>. Acesso em: 29 de julho de 2021.

CURIEL, Ochy. Género, raza, sexualidad: debates contemporâneos 1. **Intervenciones en estudios culturales**, vol. 3, núm. 4, 2005, Enero-Junio, pp. 41-61 Pontificia Universidad Javeriana Colombia. Disponível em: [http://www.urosario.edu.co/uosario\\_files/1f/1f1d1951-0f7e-43ff-819fdd05e5fed03c.PDF](http://www.urosario.edu.co/uosario_files/1f/1f1d1951-0f7e-43ff-819fdd05e5fed03c.PDF). Acesso em: 28 de maio de 2021.

DEBUS, Marry. **Manual para excelência en La investigación mediante grupos focales**. Washington: Academy for Educational Development; 1997.

DELPHY, Christine. (2001). "Penser le genre: problèmes et résistances", **L'ennemi principal**, Vol.2, "Penser le genre". Paris: Syllepse, pp.243-260. Publicado originalmente: Delphy, Christine. (1991). "Penser le genre: quels problemes?", in Hurtig, M. C. *et al.* (eds.), *Sexe et genre*. Paris: Presses du CNRS.

DENAY, Keri. BRESLOW, Rebecca. TURNER, Meredith. *et al.* **ACSM Call to Action Statement: COVID-19 Considerations for Sports and Physical Activity, Current Sports Medicine Reports**, August 2020 - Volume 19 - Issue 8 - p 326-328 doi: 10.1249/JSR.0000000000000739

ESPINOLA, Melissa Rhênia.; MATOS, Sidarta. ; ALVES, Adrielle Ramos; SANTOS, Noelma. Conhecimento é liberdade: os neologismos no movimento feminista brasileiro In: Paula Almeida de Castro. (Org.). **Educação como (re)Existência: mudanças, conscientização e conhecimentos**. 21ed.Campina Grande: Realize Editora, 2021, v. 03, p. 569-587.

FIGUEIREDO, Ângela. Carta de uma ex-mulata a Judith Butler. **Periódicus**, vol. 1, nº 3, Salvador, 2015, pp.152-169.

FOLLADOR, Kellen Jacobsen. A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental. **Fato & Versões**, v. 1, p. 3-16, 2009.

FONSECA, Rubiane Giovani; SOUZA NETO, Samuel de. Educação Física, profissionalização e mercado de trabalho: uma análise sobre o projeto profissional. **Movimento** (Porto Alegre), v.26, e26024, 2020.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade 1: a vontade de saber** 12. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

GLAZIER, Jack, POWELL, Ronald. **Qualitative research in information management**. Englewood, CO: Libraries Unlimited, 1992. 238p.

GOELLNER, Silvana. Mulheres e futebol no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. 2005;19(2):143-51

GOIACIRA, Segurado Macêdo e Kátia Barbosa Macedo, “As Relações de Gênero no Contexto Organizacional”. **Psicologia Organizações e Trabalho**, Vol: 4 num 1 (2004): 71.

HERNÁNDEZ-ÁLVAREZ, Juan Luis; LÓPEZ-CRESPO, Clara; MARTÍNEZ-GORROÑO, María Eugenia; LÓPEZ-RODRÍGUEZ, Ángeles. ÁLVAREZ-BARRIO, María José. Percepción del alumnado sobre los comportamientos instructivos del profesorado y satisfacción con la Educación Física: ¿una cuestión de género? **Movimento**, v. 16, n. 4, p. 209-225, out./dez. 2010.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Taxa de fecundidade: IBGE, Projeção da População do Brasil, 2018**

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE/PNAD, 2015**. Documento digital Disponível em <[https://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores\\_chefia\\_familia.html](https://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores_chefia_familia.html)> Acesso em: 27 de abril de 2020.

IRIGARAY, Luce. (1990). “Donc: à quand notre devenir femmes?” in **Je, Tu, Nous**. S.l: Éditions Grasset & Fasquelle, s.pp. p. 146. Disponível em [https://ria.ua.pt/bitstream/10773/25237/1/GEFE\\_ebook.pdf](https://ria.ua.pt/bitstream/10773/25237/1/GEFE_ebook.pdf). Acesso em 27 de abril de 2020

KITZINGER, Jenny. The methodology of focus group: the importance of interaction between research participants. **Sociol Health Illn.** 1994;16(1):103-20.

MADRIZ, Esther. Focus groups in feminist research. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). **Handbook of qualitative research**. 2ª ed. Thousand Oaks: Sage, cap. 32, p. 835-850, 2000.

MARY Blair-Loy, ROGERS, Laura, GLASER, Daniela, *et al.* "Gender in Engineering Departments: Are There Gender Differences in Interruptions of Academic Job Talks?", **Social Sciences, MDPI**, Open Access Journal, vol. 6(1), pages 1-19, March, 2017

MITCHELL, Juliet. Mulheres: a Revolução mais longa; **Revista Civilização Brasileira**, no. 14, 1967.

MURARO, Rose Marie; PUPPIUN, Andrea. (Org). **Mulher, gênero e sociedade**. Rio de Janeiro. Relume Dumará, FAPERJ, 2001.

MTE. Relação Anual de Informações Sociais (RAIS). **Brasília-DF, Ministério do Trabalho e Emprego, 2007.**

NÓBREGA, Mariane; ARAÚJO, Rodrigo Leite; GAMA, Luiz Gustavo Paixão. Práticas contemporâneas de desigualdade de gênero e Qualidade de Vida no Trabalho no serviço público. **Revista de Administração Educacional**, v. 10, p. 129-146, 2019.

NORMAN, Leanne. Bearing the burden of doubt: female coaches experiences of gender relations. **Research Quarterly for Exercise & Sport, Reston**, v. 81, no. 4, p. 506-518, dez. 2010;

OLIVEIRA, Eleonora Manicucci. **A mulher, a sexualidade e o trabalho**. São Paulo: Hucitec Cut – Brasil, 1999.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT) Trabalho e família: rumo a novas formas de conciliação com corresponsabilidade social / Organização Internacional do Trabalho, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. - **Brasília: OIT, 2009** p.40.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT) Trabalho e família: rumo a novas formas de conciliação com corresponsabilidade social / Organização Internacional do Trabalho, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. - **Brasília: OIT, 2009** p.65-66.

PATTON, Michael Quinn. **Qualitative evaluation methods**. Beverly Hills, CA: Sage, 1980. 381p

PRONI, Marcelo Weishaupt. Universidade, profissão educação física e mercado de trabalho. Motriz: **Revista de Educação Física** (Online), v. 16, p. 788-798, 2010.

REIS, Toni (Org.). **Manual de comunicação LGBTI+: substitua preconceito por informação correta**. 2. ed. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018. p.29-30

RUBIO, Kátia; SIMÕES, Antônio Carlos. De espectadoras a protagonistas: a conquista do espaço esportivo pelas mulheres. **Movimento**, v,5, n. 1, p. 50-56, 1999.

SALLIS Robert, YOUNG, Deborah Rohm, TARTOF, Sara, *et al.* Physical inactivity is associated with a higher risk for severe COVID-19 outcomes: a study in 48 440 adult patients **British Journal of Sports Medicine** Published Online First: 13 April 2021. doi: 10.1136/bjsports-2021-104080

SCOTT, Joan. (1990). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Sociedade**, Porto Alegre, v. 16, nº 2, p. 5-22, jul./dez

SOLNIT, Rebecca. **Os homens explicam tudo para mim**. São Paulo: Editora Cultrix. 2008

SOUZA DE OLIVEIRA, Gabriela Aragão. Mulheres enfrentando o desafio da inserção, ascensão e permanência no comando de equipes esportivas de alto nível. In: SIMÕES, Antônio Carlos; KNIJNIK, Jorge Dorfman (Org.). **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho**. São Paulo: Aleph, 2004. p. 319-335.

TRAD, Leny Bomfim. Grupos Focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisa de saúde. **Physis**. 2009;19(3):777-96.

URIBE-ECHEVERRÍA, Verónica. **Inequidades de género en el mercado laboral: El rol de la división sexual del trabajo**, série Cuaderno de Investigación N° 35 (Santiago. División de Estudios, Dirección del Trabajo, 2008).

VENTURINI, Iana. Vedoin; JAEGER, Alice Angelita; OLIVEIRA, Myllena Camargo; SILVA, Paula. Musas Fitness e a tríade corpo-consumo-felicidade. **Movimento**, v. 26, p. e26003, 2020.

VIEIRA, Pâmela Rocha.; GARCIA, Leila Posenato; MACIEL, Ethel Leonor Noia. Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela? **Revista Brasileira de Epidemiologia**, Rio de Janeiro, v. 23, 2020. DOI: 10.1590/1980-549720200033.

WITTIG, Monique. La marca del género. **La Jornada Semanal**, México, 25 out. 1998. Disponível em: <[jornada.unan.mx/1998/10/25/sem-monique.html](http://jornada.unan.mx/1998/10/25/sem-monique.html)> Acesso em: 21 de maio de 2021.

## ANEXO A

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos você a participar de um estudo desenvolvido pela Escola de Educação Física da Universidade Federal de Ouro Preto, intitulado “Mulheres x Educação Física: perspectivas sobre a atuação profissional”. O trabalho, desenvolvido pela discente Luísa Carvalho Pacheco sob coordenação do Prof. Bruno Ocelli Ungheri, tem como objetivo analisar a percepção de discentes do gênero feminino sobre sua futura atuação profissional no mercado de trabalho da Educação Física. Para isso estamos convidando a participarem, mulheres graduandas em Educação Física que estejam matriculadas do 5º período em diante. Caso tenha o interesse em contribuir, você será convidada a participar de um grupo focal, que será gravado, transcrito e analisado em relação ao conteúdo. Como responsáveis pela pesquisa, nos comprometemos a garantir o anonimato e o sigilo absoluto no tratamento das informações, que somente serão disponibilizadas para os envolvidos nessa pesquisa. Para tanto, os dados coletados serão mantidos no Laboratório de Pesquisa Lazer, Gestão e Política (LAGEP) da UFOP, por um período de 5 anos.

Serão realizados dois encontros presenciais, agendados de acordo com sua disponibilidade, totalizando quatro grupos de 5 mulheres regularmente matriculadas nos cursos de graduação em Educação Física da Universidade Federal de Ouro Preto. Todas as despesas relacionadas ao estudo serão de responsabilidade do pesquisador, não havendo qualquer forma de remuneração financeira para as voluntárias. Por se pautar pelo compromisso social e por ter destinação sócio-humanitária, espera-se que a pesquisa aponte benefícios diretos e indiretos para toda a sociedade, sobretudo por estar ligada à iniciativas que visem a promoção de igualdade entre os gêneros no mercado de trabalho. Somado a isso, estimula reflexões sobre os desafios pessoais específicos da área de formação, norteados a construção de planos de carreira.

Os riscos para sua participação no estudo são mínimos, mas destaca-se que as questões a serem abordadas poderão tratar situações do cotidiano pessoal e profissional, que podem gerar situações indesejáveis como constrangimento, desconforto, perturbação e intimidação. Todavia, como medidas profiláticas à possibilidade de materialização das referidas ocorrências, preconiza-se a preservação sigilosa da identidade das participantes, o esclarecimento pormenorizado dos objetivos da pesquisa, a participação livre e voluntária das convidadas, bem como a liberdade para abandonarem/desistirem do projeto quando assim desejarem. Por fim, ressalta-se o compromisso em tratar fidedignamente as informações oferecidas, respeitando integralmente a originalidade dos dados. Assumimos a responsabilidade em prestar assistência integral às mulheres caso possíveis danos ocorram. Assegura-se total liberdade às voluntárias convidadas, que poderão se recusar a participar ou mesmo retirar seu consentimento sem qualquer tipo de ônus para ambas as partes envolvidas. Serão adotados todos os cuidados possíveis para minimizar os riscos da pesquisa, garantindo o cumprimento das disposições estabelecidas neste documento e na Resolução CNS nº466/2012. Para tal, reiteramos que cada voluntária convidada receberá uma via do TCLE devidamente assinada pelo pesquisador e terá sua autonomia respeitada.

Cumpramos disponibilizar o endereço da Escola de Educação Física, a título de referência para qualquer contato que se faça necessário: Rua Dois, 110, Campus Universitário, Ginásio

de Esportes, Morro do Cruzeiro, Ouro Preto / MG, (31) 3559-1518. Informa-se, ainda, o endereço do Comitê de Ética em Pesquisa da UFOP, que tem por objetivo resguardar as participantes da pesquisa. Centro de Convergência, Campus Universitário, telefone (31) 3559-1368. Assim, se você entendeu a proposta da pesquisa e concorda em ser voluntário, favor assinar o protocolo abaixo dando o seu consentimento formal. Desde já, agradecemos a compreensão e voluntariedade.

---

Prof. Dr. Bruno Ocelli Ungheri  
Coordenador da pesquisa

---

Luísa Carvalho Pacheco  
Assistente de Pesquisa

## ANEXO B



### ROTEIRO PARA GRUPO FOCAL

Inicialmente, agradecemos a participação em nossa pesquisa. Com base nas informações dispostas no TCLE que lhe foi apresentado, pergunto se existe alguma dúvida em relação à pesquisa. Em caso positivo, serão prestadas todas as informações necessárias para a posterior continuidade do encontro. A partir do alinhamento entre pesquisador e voluntárias, será iniciado o Grupo Focal, tendo como pano de fundo as seguintes questões norteadoras:

#### QUESTÕES DE AMPLITUDE

##### **1. Como vocês definiriam “o que é ser profissional de Educação Física”?**

Desdobramentos possíveis:

- a) Existem características próprias da profissão?
- b) Como vocês percebem a rotina de um profissional da área?

##### **2. Qual a motivação para atuar na área?**

##### **3. Vocês possuem um plano de carreira?**

Desdobramentos possíveis:

- a) Comentem, por gentileza, sobre a perspectiva salarial que vocês possuem da área.
- b) Como se veem após 10 anos de formadas?

**4. Como vocês percebem as questões ligadas à sexualidade em relação à Educação Física?**

### **QUESTÕES PARA ABORDAGEM DA IDENTIDADE DA MULHER**

**5. Vocês acreditam que a mulher possui uma “imagem a ser zelada”? Se sim, qual?**

Desdobramentos possíveis:

- a) O que é ser feminina?
- b) Como vocês percebem o nível de criticidade das mulheres em relação às questões de gênero? c) Como o universo dos homens influencia o cotidiano das mulheres?

**6. Vocês possuem algum sentimento de vulnerabilidade?**

**7. Já se sentiram discriminadas de alguma forma? Comentem.**

**8. Como você se sente com relação ao seu corpo?**

**9. Suas ações já foram julgadas ou estereotipadas de alguma forma?**

### **QUESTÕES PARA ABORDAGEM DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO**

**10. Qual a sua expectativa em relação à entrada no mercado de trabalho?**

Desdobramentos possíveis:

- a) Como vocês percebem a remuneração da área, considerando as questões de gênero? b) As oportunidades de trabalho são as mesmas para homens e mulheres?
- c) Existem ocupações específicas por gênero?
- d) Vocês acreditam que exista comparação de desempenho laboral entre homens e mulheres?

**11. Como vocês percebem a visão do campo da Educação Física (como classe) sobre as mulheres?**

**12. Comente como vocês se sentem com relação ao seu corpo e o vestuário da profissão.**

Desdobramentos possíveis:

- a) Como vocês percebem a questão da imagem do corpo feminino na Educação Física? b) Comente sobre o modo que a profissão pode influenciar no seu estilo de vida.

**13. Como vocês percebem a influência das obrigações cotidianas, para além do trabalho, em relação à sua entrada no mercado de trabalho?**

**14. Comentem sobre o ingresso das mulheres em cargos de liderança.**